

# 8

## (CO)INSISTÊNCIAS

ESTUDOS EM LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO

(CO)INSISTÊNCIAS

# (CO)INSISTÊNCIAS

ESTUDOS EM LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO

Maria Luísa Soares, Natália Amarante, Daniela Fonseca,  
Sónia Coelho, Susana Fontes

# (CO)INSISTÊNCIAS

ESTUDOS EM LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO



Centro de Estudos em Letras  
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Vila Real • MMXVIII

**Título:** (Co)Insistências: estudos em Letras, Artes e Comunicação

**Editores:** Maria Luísa Soares, Natália Amarante, Daniela Fonseca, Sónia Coelho, Susana Fontes

**Design da capa:** Helena Monteiro

**Edição:** Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
Vila Real, Portugal

**e-ISBN:** 978-989-704-360-4

**Data:** dezembro de 2018

## A Educação Literária: uma apologia da leitura

*Carlos Manuel da Costa Teixeira*  
Escola Superior de Educação  
Instituto Politécnico de Bragança

### Resumo

Numa crónica intitulada “Poesia em tempos de indigência”, Manuel António Pina (2010: 71), registava que, “em tempos como estes, de usura, há algo de inquietante e de escandaloso no mistério gratuito da poesia”. E, de seguida, perguntava: “porque continuam os homens a escrever poesia? E porque continuam outros homens, desrazoavelmente, a escutá-la?”. Alargando o horizonte do nosso olhar, ou seja, passando da poesia a todas as formas literárias, propomo-nos fazer uma reflexão a partir da desafiante questão: porque continuamos, mulheres e homens, mais velhos ou mais jovens, a ler literatura? Conscientemente, procuraremos uma – a nossa – resposta a esta questão a partir do nosso lugar (locus) de leitor, reconhecendo que o leitor está sempre em mais lugares do que o contingente “aqui e agora”.

Nesta era da globalização e de um crescente imperialismo da tecnologia, nomeadamente das designadas tecnologias de informação e comunicação (TIC), é frequente o discurso académico lamentar a má relação das novas gerações com a grande literatura mundial. A reflexão desenvolvida por Mário Vargas Llosa (2012), em *A civilização do espetáculo*, é um acabado exemplo desse desencanto. A crise das humanidades tornou-se mesmo um tópico central em várias análises da sociedade, da cultura e, mais especificamente, dos sistemas de ensino. Segundo Martha Nussbaum (2010), a crise das humanidades é mesmo a maior crise que hoje enfrentamos. Não queremos alinhar em discursos escatológicos, anunciadores do fim da cultura. Bem pelo contrário, acreditamos que o “estar-em-crise” é, de algum modo, essencial às humanidades e, mais especificamente, à literatura. Esta perceção não nos impede de reconhecer a imperiosidade de desenvolver uma literacia crítica, a qual, nas palavras de Azevedo (2006: 4), “corresponde à capacidade para ler, escrever, analisar e interpretar o mundo de uma forma não ingénu...” Na linha de pensamento deste autor, reconhecemos que “educar para a literacia implica [...] desenvolver a atividade pedagógica para que o aluno, confrontado com usos múltiplos e polifacetados da língua, aprenda a exercitá-la numa pluralidade de contextos e situações, conhecendo-a [...] de forma ativa” (Azevedo 2006: 3). A educação literária, que passou a ser consagrada como um domínio específico de referência das Metas Curriculares de Português (definidas pelo Ministério da Educação em abril de 2012), é seguramente um enorme desafio e tem de ser abraçado por todos os agentes educativos. Temos de encarar “a leitura literária como meio de propiciar experiências estéticas indispensáveis e fundamentais para a maturação dos alunos enquanto pessoas” (Reis *et al.* 2009: 105).

Neste sentido, salvaguardando uma certa ancoragem em documentos, relatórios oficiais e estudos referentes à problemática da educação literária, pretendemos levar os nossos ouvintes a uma fantástica viagem pelo bosque da literatura (alusão a *No bosque do espelho* de Alberto Manguel). Viajaremos, pois, seguindo um desassossegado voo que nos levará pela obra poética de autores como Gabriel Celaya e Miguel Torga, Sebastião da Gama e Manuel António Pina, José fanha e Álvaro Magalhães, e pela obra de grandes prosadores como José Saramago e Valter Hugo Mãe, Italo Calvino e Umberto Eco, Grabiél García Márquez e Luis Sepúlveda.

**Palavras-chave:** Leitura, educação literária, globalização.

Pensei em falar-vos das vantagens da leitura a partir de uma série de estudos e de relatórios. Efetivamente, temos disponível uma vasta produção científica e académica graças à qual se tem atestado a relevância da leitura para os cidadãos de todos os tempos e lugares. Creio ser um dado de tal modo adquirido (parece mesmo uma evidência cartesiana) que não nos merece grandes considerações nem vamos gastar tempo a reforçar tal facto. Recordo apenas a hoje já célebre frase de Malala (2013), a jovem paquistanesa vencedora do Nobel da Paz em 2014: “uma criança, um professor, um livro e um lápis podem mudar o mundo”. É indiscutivelmente uma frase que sintetiza bem a fé na educação, e no poder que esta tem.

Não nego o valor e a importância do discurso próprio dos relatórios – sem eles a inteligibilidade destes fenómenos seria seriamente comprometida. Parece-me, porém, que esse tipo de discurso é sempre um pouco frio, despido de graça, quando – penso eu – deveríamos falar de leitura (e devemos falar de leitura) quando ela nos enche a alma... deveríamos falar de leitura estando apaixonados pelo ato de ler. Já Alice Vieira (2008) nos ensinou que a poesia só se compreende com o coração; que ela fica e cresce por dentro de nós. A poesia e toda a boa literatura, acrescento eu.

Não sei se saberei falar-vos corretamente de leitura... posso, contudo, assegurar-vos que cumprio a primeira condição que referi, isto é: sou um leitor apaixonado! E vou falar-vos de leitura a partir de algumas das minhas leituras. Afinal nós falamos (a nós mesmos e aos outros) sempre a partir do lugar (locus) onde estamos. E, mesmo sem um real dom de ubiquidade, estamos sempre em mais lugares do que o contingente “aqui e agora”. Aqui e agora, alguns de vocês estarão “com a cabeça na lua!” Ah! Que felizes esses! Como cantou Manuel António Pina (1983), “as coisas melhores são feitas no ar, / andar nas nuvens, devanear”. Vale a pena ler:

As coisas melhores são feitas no ar,  
andar nas nuvens, devanear,  
voar, sonhar, falar no ar,  
fazer castelos no ar  
e ir lá para dentro morar,  
ou então estar em qualquer sítio só a estar,  
a respiração a respirar,  
o coração a pulsar,  
o sangue a sangrar,  
a imaginação a imaginar,  
os olhos a olhar  
(embora sem ver),  
e ficar muito quietinho a ser,  
os tecidos a tecer,  
os cabelos a crescer.  
E isso tudo a saber  
que isto tudo está a acontecer!  
As coisas melhores são de ar  
só é preciso abrir os olhos e olhar,  
basta respirar.

Também Mia Couto (1997) nos narrou o dia em que nasceu o primeiro poeta: esse homem a quem, na cabeça, cresceram raízes do tamanho da terra inteira e que, por indicação do mais velho dos sábios, passou a andar com a cabeça na lua. Mas regressemos aqui à terra... nesse regresso, há uma questão que se impõe. É uma questão primeira: Porque leem os homens?

E é também Manuel António Pina quem nos responde numa das suas crónicas, quando pergunta “Para quê a poesia?” – onde ele coloca “poesia”, podemos naturalmente ler “literatura”.

Para quê a poesia em tempos de indigência? A resposta à interrogação de Hölderlin não é fácil nos dias que correm, de triunfo da venalidade e da usura. Mas provavelmente nunca o foi. E, no entanto, os homens escrevem poesia desde o princípio do Mundo.

A poesia (o que quer que a poesia seja) não serve para vender nem para trocar, e muito menos para ficar na fotografia. Não dá votos, não dá poder, não promete nada, não produz nada (nem sequer sentido, pois é sentido produzido). Por que escrevem então os homens poesia? É uma pergunta assustadora, capaz de gerar em nós a dúvida e a suspeita: e se a vida não for a “vidinha”?, e se salvar a vida não for aprender a nadar? (Pina 2010: 77)

A resposta à inquietante pergunta é ensaiada em várias crónicas do autor. Concluiu, por exemplo, uma delas (sugestivamente intitulada “Persistência da Poesia”) com um parágrafo em que é evidente uma modelização dubitativa do discurso, prova de quem sabe que definir é sempre colocar limites e a poesia (a literatura) vive o fascínio do infinito:

Talvez, quem sabe, a poesia seja alguma espécie obscura de religião, talvez ela própria seja uma língua estrangeira falada em regiões distantes e interiores. Talvez escrevendo poesia e lendo e ouvindo poesia estejamos perto de algo maior do que nós ou do nosso exato tamanho. Porque alguma razão há de haver para a persistência da poesia mesmo em tempos tão pouco gloriosos como os nossos (Pina 2010: 70).

Gosto de pensar que a leitura nos coloca “mais perto de algo maior do que nós” e vem-me à memória o poema “Eu sou do tamanho do que vejo” do pessoano Alberto Caeiro (O guardador de rebanhos – poema VII), porque a leitura da obra literária nos coloca no cimo do outeiro de onde se pode ver “quanto da terra se pode ser no Universo” (Pessoa 1946; 1993: 33).

A poesia, dizia-nos Pina, não é mercadoria. Porém a poesia / a literatura é necessária. E isso é-nos assegurado por uma plêiade de ilustres escritores. Recolho um exemplo de um poema fantástico e cujo título é (pura e simplesmente) soberbo, enquanto definição metafórica do que é a poesia: “A poesia é uma arma carregada de futuro” de Gabriel Celaya (1955; 1975). A poesia é necessária “como o pão de cada dia / como o ar que respiramos treze

vezes por minuto”. Como afirma o poeta, é com a poesia... é com o texto literário que construímos um futuro expansivo.

Eu leio... e quando leio, caminho junto de uma prole de Orfeus – de rebeldes cantores que, nas palavras de Miguel Torga, são mais do que Cristo. São “Um Cristo sem altar / que ficasse a lutar/ junto de nós, / tão presente, real e natural / que podemos ouvir-lhe a própria voz.” (Torga 1958; 1970: 46-47). Ler literatura não é um ato inócuo. Mesmo que nos queiram fazer viver na falsa paz da passividade, a literatura é transitiva e está em trânsito e sempre há de haver um poeta que nos recorde que o poema é “Poemarma” (Alegre 1967; 2017).

A literatura não é só uma porta (ou janela, ou varanda, ou casa) aberta ao mundo... ela abre-nos ao mundo; ela é um espaço de fraternidade. Ler leva-nos ao lugar do outro. É hoje relevantíssima a defesa de uma educação humanística (Silva 2010; Nussbaum 2010). Esta não é apenas a educação para aqueles que seguem estudos no ramo das ditas Humanidades. “Em tempos de usura”, defendemos uma educação humanística para todos, no sentido em que ela se centra no desenvolvimento de um espírito crítico. Na verdade, ao lermos, como tantas vezes foi repetindo Paulo Freire, aprendemos a ler o mundo.

Num tempo muito dado a uma educação que está (ou que, pelo menos, parece estar) exclusivamente preocupada com a formação de profissionais que gerem lucro, estou aqui a defender num modelo socrático de educação. Um modelo no qual a leitura do texto literário é um valor crucial. É-o porque, reitero a ideia, possibilita o desenvolvimento do espírito crítico, graças ao qual aprendemos a ler o mundo e os textos de uma forma não ingénua. Podemos e devemos ser inocentes em todas as idades, mas não ingénuos. Sebastião da Gama (1975) falou de uma ingenuidade de criança – que é, na verdade, inocência. Esta surge como força geradora da poesia e de toda a compreensão (poética).

O poeta beija tudo, graças a Deus... E aprende com as coisas a sua lição de sinceridade... E diz assim: «É preciso saber olhar...» E pode ser, em qualquer idade, ingénuo como as crianças, entusiasta como os adolescentes e profundo como os homens feitos... E levanta uma pedra escura e áspera para mostrar uma flor que está por detrás...

E perde tempo (ganha tempo...) a namorar uma ovelha... E comove-se com coisas de nada: um pássaro que canta, uma mulher bonita que passou, uma menina que lhe sorriu, um pai que olhou desvanecido para o filho pequenino, um bocadinho de sol depois de um dia chuvoso... E acha que tudo é importante... E pega no braço dos homens que estavam tristes e vai passear com eles para o jardim... E reparou que os homens estavam tristes... E escreveu uns versos que começam desta maneira: «O segredo é amar...» (Gama 1975: 64).

Mas, voltando à questão, não podemos confundir inocência com ingenuidade. Um leitor aprende a pensar mais profundamente o mundo porque a literatura (a boa literatura) lhe fornece uma série de analogias e propicia o desenvolvimento da imaginação narrativa. Esta relaciona-se com a capacidade de resolver problemas; a capacidade de ir construindo caminhos por dentro dos



labirintos do «eu», dos labirintos do mundo e dos próprios labirintos do texto que, metaforicamente, Borges tão bem descreveu na “Parábola da Palácio”, do livro *O Fazedor* (Borges 1998: 175-176).

Além disso, é indiscutível que ler é fundamental para a promoção de uma “cultura geral” bem sustentada e para o desenvolvimento da capacidade de se compreender e compreender o outro. Por um lado, a leitura revela-nos o monstro interior que há em cada um de nós. Ensina-nos a dominá-lo... e torna-nos familiar a linguagem das emoções e dos sentimentos. Por outro lado ainda, a leitura gera uma capacidade de empatia que é bem mais forte do que a mera simpatia. Explicando muito brevemente: eu costumo ser simpático – até por questões estéticas (não é bonito ser-se antipático) – mas a empatia é a capacidade de sofrer com o outro e de não poder deixar de sofrer quando o outro sofre.

Por isso a leitura é fundamental para que se desenvolva em nós a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, de desenvolvermos um “olhar interior”. Saramago (2010) di-lo com uma leveza insustentável (usando a expressão de Milan Kundera) no diálogo entre o Homem que foi pedir um barco (e que agora o tinha) e a Mulher da limpeza (que já não o era):

[...] é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós, Se não saímos de nós próprios, queres tu dizer, Não é a mesma coisa (Saramago 2010: 31)

“Sairmo-nos de nós” é um processo longo, reiterado, mas que tem em si a ideia de regresso, depois da grande aventura pelos mares do desconhecido (Soares 2017: 109-126). Descobre-se e reconhece-se a leitura como encontro, como descoberta do outro e como acontecimento em que se cumpre um processo de receção do outro dentro de nós (até porque, como disse John Donne muito antes de Saramago e só aparentemente contra Saramago, “nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente”). Na mesma linha, cada texto lido é um diálogo com outros textos e outras formas de expressão humana. Ler um livro é sempre atualizar a leitura de outros livros, fazer a redescoberta de caminhos, cidades e ilhas já antes visitadas. A esta redescoberta que confere operacionalidade ao conceito de intertextualidade.

Importa ainda acrescentar que as Humanidades são fundamentais para a vida das democracias, dada a inefável aprendizagem do respeito pelo outro. Insisto nesta ideia: a leitura... a leitura de obras literárias – tal como a leitura de todas as artes – permite-nos a revelação dos pontos cegos (a nível social) que sempre persistem nas sociedades (veja-se, por exemplo, “Every System has a Dead Angle”, de Miguel Januário, em <http://maismenos.net/objections/sacred.php>).

Há, portanto, um desafio que todos temos de abraçar: o de educar os jovens como leitores, como sujeitos críticos, capazes de pensarem o seu ser no mundo.

Valter Hugo Mãe, respondendo à personagem de Sartre (da peça *Entre quatro paredes*) defende: “O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam e não exatamente em ti” (Mãe 2014: 44). Indiscutivelmente, a literatura coloca-nos no mundo como seres em relação com outros seres. Faz de nós um lugar em relação com outros lugares, numa dinâmica de constante redefinição, numa relação sempre em aberto em que as presenças e as ausências que hoje nos animam e nos inquietam não podem ser resolvidas em absoluto. Mas – iluminando-as pela leitura – podemos colocá-las num lugar de maior inteligibilidade.

Há ainda uma outra dimensão que não podemos esquecer: a do jogo! Toda a literatura é jogo. Um jogo a ser cumprido pelo leitor (Cortázar 1963: 2008). Falando de jogo, temos de falar de sonho! Ler leva-nos à descoberta do nosso mundo e, ao mesmo tempo, permite-nos mergulharmos na aventura de descobrir mundos fantásticos... cidades invisíveis: “São cidades como sonhos [...]. As cidades como os sonhos são construídas de desejos e de medos” (Calvino 2015: 50). Ah! Como, ao ler, eu sonhei que passeava com o destemido Marco Polo por essas cidades: por Lalage, a cidade que cresce em leveza; ou Octávia, a cidade teia de aranha. Efetivamente, descritas por Marco Polo, elas têm esse dom fascinante e terrível: pode-se andar por dentro delas com o pensamento (Calvino 2015: 43). Ao lermos, descobrimos, e dolorosamente percorremos, planícies em chamas e subimos a Luvina, “o mais alto e o mais pedregoso” dos cerros altos do sul (Rulfo 1953; 2003: 89-98).

Ler é, pois, um mergulho num “mundo-outro” de que nos falou Umberto Eco. E é, em simultâneo, um encontro com uma visão original do mundo; uma visão que supera a ciência, porque olha e pensa o mundo a partir de dentro... a partir do olhar pessoal como lugar de encontro único e irrepetível com o mundo. A ciência ensina às crianças que uma ilha é uma porção de terra rodeada de água por todos os lados. Mas o narrador-personagem d’ *Os piratas* (Pina 2003) define-a bem melhor:

Chamo-me Manuel e vivo numa ilha, ou uma ilha vive em mim, não tenho a certeza, uma ilha rodeada de mar e névoa por todos os lados, principalmente pelo lado de dentro (Pina 2003: 9)

Na verdade, ler... ler obras de literatura de qualidade é embrenhar-se, como quem mergulha, nos bosques da ficção (Eco 2009) e é viajar pelos livros como quem se recria num bosque de espelhos (Manguel 2009). Ler, dizia, possibilita-nos o alargamento estético da realidade. Mais, ler aumenta a realidade, transformando aquilo que é do domínio do quotidiano em algo mágico.

Importa, pois, ler! É preciso ler!

As palavras têm uma força salvífica. Foi isso que descobriram os habitantes de Macondo, espaço que mais do que ficcionado é mágico (Márquez 2000), quando foram atacados por uma estranha doença que os fazia esquecerem-se dos

nomes das coisas. Eles sentiram que perderiam o seu mundo; e, então, começaram a colocar etiquetas em tudo... para que as palavras guardassem o mundo!

Amigos, é preciso ler!

Ler em todos os lados e em todas as idades. Luís Sepúlveda (2009) encanta-nos com um velho que descobriu que sabia ler e, desde esse dia, nunca mais foi um homem só... vivia apaixonado por romances de amor. Fascina-nos com tantas outras histórias em que animais e homens se irmanam na partilha de sentimentos, como acontece na sua *História de um gato e de um rato que se tornaram amigos* (Sepúlveda 2013).

Não há idade para ser leitor... nem para se tornar leitor. Nunca é tarde, como nunca é cedo de mais. Também não há idade para ser sócio de uma biblioteca... nunca é demasiado cedo. A biblioteca, na prosa de Jorge Luís Borges, confunde-se com o universo – leia-se o conto “A Biblioteca de Babel” (Borges 2003). As bibliotecas, como nos ensinou Borges, esse escritor visionário e transparentemente labiríntico, são espaços fantásticos. São labirintos intermináveis de aventura e prazer. Numa biblioteca não se está, voa-se! Contra toda a ciência, estou com os poetas e penso que aquilo que faz de nós verdadeiramente homens é a capacidade de voarmos. Nós temos asas... fomos feitos para voar. Estou convencido disso, depois de ter lido e relido o poema “Asas” de José Fanha (1985), que, de forma criativa e empolgante, nos manda escrever por dentro do peito que “nascemos para ter asas”. Termino:

“Asas

Nós nascemos para ter asas, meus amigos.

Não se esqueçam de escrever por dentro do peito: nós nascemos para ter asas.

No entanto, em épocas remotas, vieram com dedos pesados de ferrugem para gastar as nossas asas como se gastam tostões.

Cortaram-nos as asas para que fôssemos apenas operários obedientes, estudantes atenciosos, leitores ingênuos de notícias sensacionais, gente pouca, pouca e seca.

Apesar disso, sábios, estudiosos do arco-íris e de coisas transparentes, afirmam que as asas dos homens crescem mesmo depois de cortadas, e, novamente cortadas, de novo voltam a ser.

Aceitemos esta hipótese, apesar de não termos dela qualquer confirmação prática.

Por hoje é tudo. Abram as janelas. Podem sair. (Fanha 1985: s/p)

Muito obrigado... e boas leituras!

### Referências Bibliográficas

Alegre, M. (1967; 2017): *O canto e as armas*. Alfragide: Dom Quixote.  
Borges, J. L. (2003): *Ficções*. Porto: Público.

- Borges, J. L. (1998): *Parábola do Palácio*. In *Obras completas (1952-1972)*. Vol. II. Alfragide: Editorial Teorema.
- Calvino, I (2015): *As cidades invisíveis*. Alfragide: Dom Quixote.
- Celaya (1955; 1975): *Cantos Iberos*. Madrid: Turner.
- Cortázar, J. (1963; 2008): *O jogo do mundo (Rayuela)*. Lisboa: Cavalo de Ferro.
- Couto, M. (1997): *Raízes*. In *Contos do nascer da Terra* (pp. 179-182). Lisboa: Caminho.
- Eco, U. (2009): *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Fanha, J. (1985): *Cartas de marear*. Lisboa: Barca Nova.
- Gama, S. (1975): *Diário*. 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições Ática.
- Mãe, V. H. (2014): *O paraíso são os outros*. Porto: Porto Editora.
- Manguel, A. (2009): *No bosque do espelho*. Alfragide: Dom Quixote.
- Márquez, G. G. (2000): *Cem Anos de Solidão*. Alfragide: Dom Quixote.
- Nussbaum, M. (2010): *Not for profit: Why Democracy needs the Humanities*. Princeton University.
- Pessoa, F. (1946; 1993): *O Guardador de Rebanhos*. In *Poemas de Alberto Caeiro*. 10.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Ática.
- Pina, M. A. (1983): *O pássaro da cabeça. Poemas para crianças*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- Pina, M. A. (2003): *Os piratas*. Porto: ASA Edições.
- Pina, M. A. (2010): *Por outras palavras & mais crónicas de jornal*. Porto: Modo de Ler.
- Rulfo, J. (1953; 2003): *Luvina*. In *Planície em chamas* (pp. 89-98). Lisboa: Cavalo de Ferro.
- Saramago, J. (2010): *O conto da Ilha Desconhecida*. Lisboa: Caminho.
- Sepúlveda, L. (2009): *O velho que lia romances de amor*. Porto: Porto Editora.
- Sepúlveda, L. (2013): *História de um gato e de um rato que se tornaram amigos*. Porto: Porto Editora.
- Silva, V. M. A. (2010): *As humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- Soares, M. L. C. (2017): “O conto da Ilha desconhecida de José Saramago e a simbologia da viagem”. In *Humanitas*. Vol. 70 (2017): 109-126.
- Torga, M. (1958; 1970): *Orpheu rebelde*. Coimbra. Edição de Autor.
- Vieira, A. (2008): *O meu primeiro álbum de poesia*. Alfragide: Dom Quixote.
- Yousafzai, M. & Lamb, C. (2013): *Eu, Malala. A minha luta pela liberdade e pelo direito à educação*. Lisboa: Editorial Presença.